







CRIME DE CAXANGÁ

NOTAS DE REPORTAGEM

DO

“CORREIO DO RECIFE”



1905

—
Typ. do CORREIO DO RECIFE

—
PERNAMBUCO

9

UNIVERSIDADE DO RECIFE
FACULDADE DE DIREITO
BIBLIOTECA
F2012 4-10-57

CRIME DE CAXANGÁ

Volta a interessar os espiritos o monstruoso crime que, entre os actos desenrolados no Recife em 1904, occupou logar proeminente — desgraçada proeminencia de que resultou a morte de um homem amante do trabalho, assim como a infelicidade das familias desses que a policia enclausurou e conserva detidos para as necessarias averiguações.

O processo de Salgado segue sua marcha e certamente não haverá quem, de bôa fé, pretenda enxergar na policia outros fins que não sejam os de saber onde está a verdade a respeito do barbaro assassinato de Perez.

Publicando as linhas que se vão ler, nosso intuito é fornecer ao publico e ás autoridades informações que talvez esclareçam o assumpto; não nos incommodando absolutamente o successo ou o insuccesso do que vamos revelar.

O verdadeiro autor da morte de Perez, dizem as informações que

podemos colher, já não está no Recife: o receio da perseguição da policia madrugou-lhe no coração e, logo após o crime, talvez mesmo antes de decorridas 48 horas, já elle não fazia parte dos habitantes desta capital.

— Quem é esse individuo? perguntou já o leitor.

... Dos sertões que ficam situados na zona limitrophe entre Pernambuco e Parahyba, viera, ha alguns annos já, um rapaz que deixara a terra de seu nascimento por motivos criminosos.

Domiciliando-se no Recife, o sertanejo permaneceu algum tempo alheio ao campo dos delictos, mas um dia a sorte o levou a um abysmo: commetteu um ferimento de que lhe resultou ser preso.

Detido, familiarisando-se com os seus iguaes pelo instincto e pela condição, o sertanejo não fraquejou e soube, com uma simulação excepcionalmente fria e cynica, disfarçar sempre o seu crime. Não processado, todos o acreditaram innocente, embora no fundo de sua consciencia o remorso lhe perturbasse o somno e lhe arrancasse a calma do espirito que se não finge, essa que, por ser absolutamente intima, não vem á tona da physionomia e se guarda secreta nos refojhos d'alma.

Era um perdido, como se diz em gyria.



Ha um anno, pouco mais ou menos, a imprensa do Recife noticiou que em Apipucos fôra espancado, á noite, um conhecido jockey: apontaram diversos como autores do espancamento mas ninguem se lembrou de collocar entre elles o sertanejo de quem estamos falando.

... Passaram-se mezes após esse espancamento do *jockey* e, durante esse tempo, o triste heróe desta historia triste não tomou parte em cousa alguma que o complicasse: vivendo retirado em um arrabalde, levava os dias entregue a trabalhos rusticos.

Na faina desses trabalhos, nesse contacto natural entre operarios, succedeu fazer-se o sertanejo conhecido de Salgado.

Estabeleceu-se, entre os dois, uma corrente de sympathia, que se tornou cada vez mais intensa gerando a confiança mutua.

O sertanejo entrou no conhecimento dos factos intimos da vida de Salgado a quem, entretanto, não revelava as proprias fraquezas.

Um *homem de trabalho*, como se chamam entre si os malfeitores, não póde estar muito tempo inactivo.

Sabendo da animosidade existente entre Salgado e Perez, o sertanejo alimentava a esperança de poder, mais tarde, encarregar-se de alguma *empresa* cujo desempenho contava levar a effeito.

Essa oportunidade chegou.

Intimos, confidentes quasi — embora o sertanejo se conservasse sempre um tanto retrahido, — os dois sahiram a *dar uma volta* nas adjacencias da casa de Salgado.

Este, conversando sobre os incommodos que lhe causava uma vizinhança que reputava inconveniente, pormenorizou antecedentes de rixa com esse vizinho — que era Perez, — e terminou manifestando desejos de fazer ao mesmo Perez uma violencia que o amedrontasse e lhe incutisse no animo a idóia de se mudar da localidade.

Era á tardinha e os dois passeavam no campo, olhando a immensa plantação de capim de onde Perez tirava, com enorme despeito de Salgado, largos e rendosos proventos.

A's tardes era costume de Salgado olhar para os campos verdes em que se ostentavam as plantações de Perez : o sombrio da hora como que augmentava na alma do hespanhol a inveja diante dos progressos de seu patricio e vizinho.

A noite cahia quasi sobre a terra e sobre a alma de Salgado cahia uma

outra noite ainda mais escura : era a treva immensa do crime que lhe remexia os instinctos na danza horri-vel dos sentimentos feros.

Estava resolvido: aquelle sertanejo parecia-lhe um homem talhado para o *negocio* e, quando entravam os dous, disse Salgado ao seu companheiro de palestra :

— Você quer dar uma surra em Perez ?

O rapaz hesitou um instante...

Pararam ambos a poucos metros da porta da casa de Salgado e o sertanejo, tendo repassado na memoria os factos anteriores de sua existencia criminosa, achou que ao catalogo de suas façanhas poderia ainda accrescentar-se uma.

— Dou ! respondeu firme.

— Pois bem, disse Salgado : sentemo-nos aqui e vamos combinar.

Perez, continúia Salgado, não mora propriamente só. Em torno de sua casa residem muitos homens, alguns dos quaes são seus empregados. Acautelle-se, pois.

Ficou assim resolvido a empresa e o sertanejo, no dia seguinte, andou nos arredores da casa de Perez, estudando o local.

A *casa grande*, como denominam a habitação da familia Perez, tem externamente um aspecto que parece tornar difficil o assalto.

Mas o sertanejo soube, sem de-

mora, que Perez, porque estava a casa grande ameaçando ruínas, se mudara para uma pequena casa próxima, onde a entrada seria facilmente obtida pelo arrombamento de uma das frageis portas que o sertanejo olhara com a perspicacia de seu espirito acostumando a essas sondagens.

Não seguiu directo para casa: entrou n'uma taverna e pediu alguma cousa para beber.

Sentira-se como que indisposto a realisar a «encommenda» de Salgado, que, á primeira vista, se lhe afigurara uma cousa de prompta execução.

E pensou o sertanejo : « Mas Salgado é rico, pagar-me-á bem e eu poderei talvez fazer carreira em algum ramo de negocio serio, sem repotir esses actos negros que me ensombram a existencia. »

Exgottou um copo de paraty e monologou ainda : « Tenho necessidade de reunir *gente* para esse trabalho ; hei de escolher pessoas discretas, cujo silencio garanta no futuro a minha liberdade, essa liberdade que eu já perdi uma vez e que recuperei á custa de uma simulação que não sei si poderei reproduzir... Onde irei buscar esse pessoal?... »

Pagou o que bebera e sahiu em

busca de sua morada que não era longe das de Salgado e de Perez.

Deitou-se: sonhos de grandeza e de fausto lhe povoaram a imaginação durante a noite inteira e acordou, na manhã seguinte, acreditando-se possuidor de uma grande quantia que lhe pagara Salgado.

O sertanejo tinha um companheiro de casa, a quem revelou as intenções que o dominavam e de quem pediu o auxilio para a realização dos planos que estava architectando.

O companheiro accedeu prompto e resolveram convidar um terceiro que, tambem, não se recusou em comprometter-se, aguardando sómente que fossem marcados o dia e a hora.

Era já difficil recuar: ou se realisaria a tentativa, ou o sertanejo ficaria exposto a ser denunciado a qualquer momento, dada a primeira desintelligencia entre elle e um dos seus dous convidados.

* * *

O *empresario* foi entender-se com Salgado afim de se assentarem, de vez, as condições do *trabalho*.

Quando chegou á residencia do inimigo de Perez, não o encontrou: sahira para a olaria, onde o sertanejo foi ter, chamando-o á parte:

— Como lhe disse outro dia, estou disposto a *entender-me* com Perez



precisamos, porém, de combinar tudo da melhor forma, para que não haja um estorvo qualquer.

Salgado deixou immediatamente o serviço que estava dirigindo e, tomando pelo braço o sertanejo, com este sahio e foram ambos conversar a alguns metros de distancia dos trabalhadores da olaria.

— Então?—perguntou Salgado— quando se faz a cousa?

— Quando o sr quizer...

— Oh! por mim seria agora mesmo...

— Mas tambem não è assim, tão de pressa. O sr. sabe que eu não devo ir só áquella casa onde, como é natural, Perez conta com a dedicação de pessoas que residem nas proximidades.

— Procura-se quem o auxilie...

— Pois é disso que eu desejo tratar.

— Quantas pessoas lhe são necessarias?

— Quatro ou cinco homens dispostos bastam...

— Esses homens eu os tenho quasi á mão : é só mandar chamal-os.

— Eu mesmo já fiz dous convites que foram acceitos mas que, entretanto, podem falhar.

— Pois bem : de hoje a alguns dias eu terei reunidos aqui os homens de que o sr. precisa ; renove os convites que fez e appareça breve, á

noitinha. Eu o espero sem falta.

— Sim... mas, observou o sertanejo.

— Que é? exclamou surpreso, Salgado.

— E' que... eu preciso saber quanto vou ganhando nessa historia.

— Dou-lhe duzentos mil réis !

O sertanejo ouviu, calado, essa resposta e, comquanto lhe parecesse bem pago o seu serviço, objectou :

— E' pouco mas... mas eu vou !

— Depois falaremos ainda... Conforme o trabalho, — respondeu Salgado piscando satanicamente os olhos.

Despediram-se os dous e Salgado, voltando á olaria enquanto o sertanejo se retirava, deu uma certa pressa ao expediente que encerrou mais cedo do que de costume : precisava estar só, para pensar gostosamente, com um prazer diabolico e feroz, na sorte que aguardava o infeliz e desgraçado Perez.

O velho hespanhol despedio os operarios e, ficado só, pousou lentamente o corpo n'um tosco assento collocado á porta de casa e começou a formular no pensamento a scena que se desenrolaria dalli a poucos dias.

«Agora sim, pensava, agora sim ! há de me pagar, Perez».

No decorrer desses dias Salgado experimentou as mais diaboli-

cas e sinistras alegrias, prelibando o gozo de ver Perez surrado, desprestigiado perante todo o mundo e fugido daquellas paragens onde então Salgado, sosinho, dominaria tudo, comprando a Perez o que este alli deixasse, por um preço de nada : taes eram as intenções de Salgado.

No espirito do mandante do crime não havia, a principio, a idéa de matar : elle queria, conforme declarou ao sertanejo, *dar uma surra* em Perez.

Mas, como «quem vai até alli vai mais adiante», Salgado autorisou o assassinato, como se verá no dialogo travado á ultima hora com o sertanejo.

Fazia, porém, assim, não por sentimentos de bondade que seriam contrastantes com a *empresa* commettida ao sertanejo, mas simplesmente porque temia a acção da policia ou a denuncia dada por algum dos cúmplices.



Passados poucos dias do ultimo encontro do sertanejo e Salgado, soube este que o primeiro se ausentara do Recife sem participar essa ausencia inesperada a pessoa alguma.

«Que seria ?—monologava o hespanhol ; —teria elle ido para longe

e resolvido, assim afastado d'aqui, denunciar-me ás autoridades ou ao proprio Perez? Preciso, com urgencia, saber disso.»

E procurou encontrar-se com o companheiro de casa do sertanejo, que igualmente partira com o futuro algoz de Perez.

Salgado interrogou diversos conhecidos do sertanejo: todos diziam-lhe a mesma cousa: «Não sei: sahio sem me dizer cousa alguma.»

Salgado começava até a emmagrecer, definhando aos poucos sob a acção de uma covardia que elle não conseguira occultar a si mesmo e que lhe tirava até o somno.

Escoaram-se alguns dias quando lhe apparece, de volta o *empresario* da surra de Perez.

O sertanejo apparentava uma certa abundancia de recursos, gastando mais do que poucos dias antes de fazer a talausencia, e ao espirito de Salgado parecia que o homem mudara de resolução. Salgado chegou até ao extremo de querer offerecer-lhe mais dinheiro, tão mesquinha achou a offerta já feita a um homem que lhe apparecia agora com ares de quem podia gastar muitas vezes ao dia o quanto ia receber pela surra de Perez.

Quando o sertanejo apertou a mão de Salgado, este sentio uma cousa extranha, um inexprimivel

mal estar que lhe tirava quasi a faldade da palavra.

— Então? já não apparecia ha muitos dias... Esteve doente? perguntou Salgado medindo as palavras afim de não trahir o seu estado de espirito.

— Não estive doente, mas foi como si o tivesse estado, porque fui obrigado a ausentar-me do Recife afim de visitar um amigo importante que adoecera e que, felizmente, já está fora de perigo.

O sertanejo mentia: elle sahira do Recife afim de realisar um *trabalho* que lhe fora encommendado com urgencia e com vantagens.

Tratava-se de roubar um fazendeiro residente á margem da Estrada de Ferro S. Francisco e o sertanejo, cuja habilidade era já bastante conhecida, fora convidado e comparecera ao chamado com a urgencia que lhe recommendavam.

Tomando o trem na gare de Cinco Pontas, como qualquer bom cidadão honesto e laborioso, o sertanejo dirigiu-se a uma das principaes estações dessa ferro-via, onde se effectuou, alguns dias após sua chegada, o projectado roubo.

* * *

...Nossos leitores acharão, talvez, que estamos afastados do *crime de Caxangá* e enveredamos pormenori-

sadamente pela vida delictuosa desse tão decantado sertanejo: assim é necessario, afim de que se justifique a entrada, nessa tragedia, do *novo personagem* de que falámos nos subtitulos deste ligeiro historico.

O publico desconhece esse novo personagem, mas podemos assegurar que as autoridades tiveram já informações sobre essa entidade que não é inteiramente desconhecida da policia.

A esta cumpre, como está fazendo, não revelar certos dados que possue, afim de melhor chegar aos resultados que deseja.

E, si os esforços do illustre sr. dr. Santos Moreira e de seus dignos auxiliares não chegarem ao conhecimento inteiro da verdade, é bem provavel que o decorrer desta noticia possa trazer sobre o monstruoso crime a projecção luminosa de factos esmagadores pela eloquencia de seus detalhes.

A intenção do auctor destas linhas não é denunciar pessoa alguma: estamos dando forma legivel a informações que nos foram confiadas de fonte segurissima, informações que seria lamentavel calar porque ellas têm, como se verá, o cunho da mais accetavel e natural verosimilhança.

...Reatemos o fio, acima desviado, de nossa narrativa.

O sertanejo mentira dizendo a Salgado que andava fóra da cidade «em visita a um amigo doente.»

O que elle fóra fazer, como dissemos, não era mais do que dirigir esse roubo a que alludimos e do qual falaram em tempo as gazetas.

Como deixámos ver, o sertanejo ostentava, após a ausencia no matto, uma certa abundancia de recursos que não deixou de impressionar Salgado, que pensava mesmo em lhe offerecer maior quantia pela surra de Perez.

Mas o hespanhol não era amante de gastar e preferia levar a cousa por outros meios.

Dada a phantasiosa causa de sua ausencia, o sertanejo entrou em assumpto :

— Então, a cousa vai ou não vai?

— Vai! mas eu o esperava justamente para marcarmos, com exactidão, o dia e a hora.

— E aqui estou. Parece-me, porém, que esse trabalho que o sr. deseja pode ter graves consequências e eu quero ficar a salvo de qualquer imprevisto.

— Nada lhe succederá: feito o serviço, o sr. ausenta-se por algum tempo, levando não só o que ajustámos como ainda uma gratificação-sinha.

— E si o homem resistir? per-

guntou o sertanejo fitando o olhar feroz no feroz olhar de Salgado.



Continuando hoje as nossas notas sobre o celebre crime de Caxangá, devemos aos nossos collegas d'*A Provincia* uma explicação: poderíamos, desde a publicação dos primeiros destes trechos que vamos traçando, ter esclarecido o publico declarando o nome do sertanejo de que havemos falado.

Nossa intenção, porém, desde o principio desta narrativa, tem sido prender a attenção do publico em geral, descrevendo com as minudencias mais detalhadas os pontos todos desse horrivel drama de sangue.

No decorrer desta exposição abordaremos os factos de que *A Provincia* hontem falou na linguagem concisa e rapida com que se fala ás autoridades para a comprehensão dos casos a punir; abordal-os-emos, porém, de maneira completa e sob o ponto de vista que nos guia, isto é: fazer com que a população do Recife e de fóra do Recife se ponha completamente ao par dos negroses que envolveram as scenas tremendas que precederam e que acompanharam e que se seguiram ao barbaro assassinato de José Perez.

Dada esta pequena explicação, continhamos :

...Logo que Manoel Teixeira, --cujo nome avanço d'*A Provincia* não nos permitiu calar até o fim desta historia, quando o declarariamos para desmentido da pecha de phantazista com que nos estavam mimoseando aquelles que não comprehendem ou não presam os esforços da imprensa -- logo que Manoel Teixeira perguntou a Salgado : «E si o homem resistir? », o interpellado sentiu faltar-lhe a propria voz e emudeceu por mais de cinco minutos.

Levou a mão á frente, acariciou os cabellos que lhe embranquecem já e fitou os olhos no ceu, nesse gesto que é natural quando a gente procura solver situações que dependem de uma decisão perigosa.

Finalmente, após um silencio durante o qual Teixeira conservava os olhos fitos curiosamente sobre o velho, este falou insinuantemente :

— Si elle resistir... defenda-se.

— E si eu vir que a resistencia pôde ser vencedora?

As perguntas de Teixeira, sem treguas ao espirito pouco formulador de Salgado, transtornaram-no quasi por completo e o hespanhol, desta vez, comprehendeu que estava diante de um homem acostumado a situações diffices e pratico em materia de precaução.

Salgado estava completamente vencido: já não era possível recuar e, n'um gesto de violencia e de fera resolução, disse com a calma inconsciente com que falaria um irracional com o dom da palavra:

— Nesse caso, mate-o!

Para outra qualquer pessoa estas palavras teriam um effeito assombroso e aasustador: Teixeira, parou ouvira-us na mais absoluta tranquillidade, achando sómente que Salgado custava um pouco em decidir-se pelo extremo das circumstancias a prever na empreza.

— E si elle morrer? perguntou Teixeira?

Ah! Salgado desesperava quasi: si fosse possível deixaria Manoel Teixeira e procuraria uma outro machina mais simples para empregar na execução de seus tenebrosos planos. Aquelle homem assim exigente, perguntador, estava até a causar-lhe medo. Talvez mesmo o hespanhol mudasse de resolução si não temesse os ardis de um espirito astucioso e perspicaz como era o do sertanejo.

— ... Si o homem morrer, disse Salgado estupidamente, sem poder continuar—«si o homem morrer»—repetiu ainda mais estúpido e embaraçado.

Desta vez a resposta directa e firme era um perigo. Mas o hespanhol não era tão bonzo ao ponto de

não comprehender até onde estava compromettido e decidiu-se a dizer :

— Si elle morrer é a mesma cousa !

Pronunciando estas palavras, Salgado teve na voz o tom sinistro dos grandes monstros humanos e o sertanejo comprehendeu que estava tratando com um homem capaz de tudo.

— Está então tudo resolvido— disse, calmo e frio, Manoel Teixeira.

— Perfeitamente, confirmou Salgado.

— E os homens ?

— E' preciso reunil-os o mais breve possivel : de hoje a 3 dias estará cumprida a missão.

E sahiu.



Teixeira morava em companhia de um amigo que o seguira nesse roubo á margem da E. F. S. Francisco e que era homem de toda confiança do sertanejo. Este trouxera, da ultima *empreza*, um cutro homem com quem contava para o caso de Perez e assim os tres, reunindo-se a Joca de Calú e a João Menino, conversaram durante o dia seguinte na casa do chefe, o sertanejo, onde passaram quasi o dia inteiro, sahindo para o quintal que tem muitos coqueiros dos quaes foram tirados alguns fructos cuja sabososa agua

beberam regaladamente os malfeitores.

Combinou-se que a surra seria dada á noite e foi resolvido convidar-se a *Joaquim das Couves*, morador perto do sertanejo e homem roconhecidamente afeito a luctas perigosas nas quaes sempre exhibira não pequena coragem.

Recebendo o convite para essa *empreitada*, *Joaquim das Couves* observou que isso não era bom e não se comprometteu, mas prometteu guardar silencio para não estorvar a cousa.

Tudo assim disposto, o chefe da empreza avisou ao mandante do crime e, no dia marcado, á noitinha, foram chegando á olaria de Salgado os implicados no drama horrivel de Caxangá.

Salgado preparara aos seus *convidados* uma recepção em que não faltou o paraty : era um excitante indispensavel.

Os criminosos não chegaram todos ao mesmo tempo : era isso de máo effeito para quem visse aquelle grupo formado a taes horas n'uma casa em que, de ordinario, o movimento cessava ao pôr do sol.

Joca da Calú, muito conhecido nos arredores e mesmo em casa de Perez, onde ás vezes ia pedir favores, resolveu pintar-se, como si sabe do processo: para isso foram

mandados vir alguns pacotes de pez.

A caracterisação de Joca de Calú proporcionou momentos de hilaridade geral.

...E o bandi-lo ria-se tambem, consciante de estar provocando, com os seus esgares, o riso dos companheiros.

A s 9 horas, pouco mais ou menos, da noite fatal. Salgado reuniu os seus cúmplices em torno da mesa e bebeu à saude de todos, bebendo, dessa forma, á desgraça do pobre Perez.

Embriagados quasi todos, não se apercebiam do numero do grupo e somente o sertanejo, conservando a calma de espirito que possuem todos os homens que se salientam pelo bem ou pelo mal, viu que *Joaquim das Coures* e Ramos de Araujo, convidados para a empreza, não se achavam encorporados á comitiya a :sassiná.

Rapidamente o chefe do grupo mandou chamar os dous relapsos.

J. das Coures, não sabemos si por calculo, si por mera coincidência, partira acompanhando seu patrão para uma fazenda situada no municipio de S. Lourenço da Matta.

Ao ser informado da ausencia de *J. das Coures*, Manoel Teixeira revelou na physionomia uma con-

trariedade que Salgado percebeu de prompto.

— E não se pôde ir sem *J. das Couves*? perguntou o hespanhol.

— Pode-so... mas elle é um homem valente e com o qual eu contava em absoluto: dada qualquer difficuldade de maior monta, elle saberia resolvel-a.

— Mas temos um numero sufficiente...

-- E'; entretanto *Joaquim das Couves* bem poderia valer por 3 ou 4 destes que aqui estão.

— E Araujo? interrompeu Salgado.

— Araujo virá á força, porque bem lhe conhecemos a chronica e elle tem medo de ser denunciado por outros crimes.

Dentro de poucos minutos chegava, effectivamente, Ramos Araujo, escoltado por alguns bandidos que para esse fim haviam sido destacados.

— Prompto! gritaram os escoltantes de Araujo.

... Diz-se que Caetano, o conductor da Estrada de Ferro de Caxangá, implicado no caso, fôra convidado, não para a surra em Perez e sim para uma pescaria.

Accedendo ao convite, viu-se cercado de companheiros tão sinistros que julgou baldado reagir contra aquellas physionomias cheias dessa

expressão horrivel e sanhuda do crime que parece viver no olhar dos facinoras.

* * *

— A caminho! gritou Manoel Teixeira.

E o pessoal poz-se em marcha: todos conduziam armas—facas, revólveres, chuços, forcados etc.

Atravessando os campos, a comitiva conversava sobre o fim a que se dirigiam e um delles, menos covarde e mais sincero que os outros, aventurou estas palavras:

— Para que tanta gente? Um homem é para outro: qualquer de nós poderá dar essa surra.

— Surra?! perguntou uma voz. Então é simplesmente uma surra o que vamos fazer?

— Trata-se de uma surra, observou o sertanejo. Mas, como essa surra pode trazer certas consequencias, vamos preparados para tudo.

— Apoiado! gritou Joca da Calú. Isso de surra é *pinguinho*: serviço completo e limpo. Si o bruto gritar, fogo nelle!

— De vagar, de vagar—sentenciou Manoel Teixeira.

E a comitiva, ruminando scenas de violencia e de selvageria, continuava a marcha atravez do capinzal que se desdobrava pelos campos

além, na monotonia quieta e silenciosa da noite.

A lua testemunhava essa marcha dos bandidos e estes, trauteando canções obscenas e estupidas, deslizaram na vereda estreita que se vai tortuosa por entre as plantações que pertenceram ao inditoso Perez.

Quando se aproximaram da porteira que separa o quintal do espaço occupado pela grande planta de capim, serenou o falatorio dos sicarios e estes, esgueirando-se, de um em um, pela cerca, vieram juntar-se ao pé da alludida porteira que foram saltando cautelosamente.

Passados para o outro lado, isto é—para dentro do quintal—fez-se um silencio completo: fitaram, todos, a casinha em que, aquella hora, Perez se agasalhava e, em passo cadenciado, encaminharam-se para lá.

Ao pé da casa onde se desenrolou o triste drama existia, e talvez ainda exista, uma *horta* encostada aos fundos do edificio: nessa horta penetraram, silenciosos, os bandidos, que espreitaram cautelosamente para o interior pelas fendas abertas na parede de taipa.

Perez acabara de collocar em uma gaveta diversos papeis entre os quaes estavam algumas cedulas de não pequeno valor.

O olhar dos espiões desvairara-se ao contemplar o dinheiro do hes-

panhol e nos cerebros dos bandidos: atravessou, ao mesmo tempo, a idéa firme e irreductivel de um assassinato.

— Entremos, — cochichou o sertanejo no ouvido do que lhe estava mais proximo.

E dirigiram-se todos para a frente da casa.

Quando a comitiva assassina partira da casa de Salgado, este não se deixou ficar e, tendo dado tempo a que os seus mandatarios caminhassem um pouco, sahio tambem, em direcção á casa de Perez.

A passo brando, para não alcançar a comitiva, o velho hespanhol chegou, finalmente, ao pé da porteira de que acima falámos e, applicando o olhar feroz, divulgou, ao claro da lua, os vultos sinistros e horriveis de seus cumplices.

Viu quando os assaltantes se chegaram para a frente da casa e ouviu, á pequena distancia em que se achava, o ruido produzido pela porta que elles acabavam de arrombar.

Esta violencia alarmou os de casa; e a mãe de Perez, que dormia em quarto contiguo ao de seu inditoso filho, foi a primeira pessoa com quem os assaltantes se entenderam.

A pobre velha, apavorada diante daquella invasão brusca e vandallica, perdeu quasi os sentidos: ia

gritar, quando um pulso herculeo segurou-a violentamente dizendo, além de obscenidades que se não escrevem, estas palavras imperiosas :

— Si gritar, morre !

Era Salgado que, tendo-se aproximado da casa, entrara logo após os bandidos, cujo trabalho queria verificar *de visu*.

— Si gritar morre ! repetia Salgado por entre insultos.

— Onde está seu filho ? interrogou uma voz que talvez fosse a de Manoel Teixeira.

— Alli, respondeu a velha, tremula e inquieta, suffocando os gritos que lhe irrompiam d'alma e que o pavor comprimia.

E apontou a porta do quarto visinho.

Perez estava á frescata, em acto quasi de saltar para o leito.

Joca da Calú foi um dos primeiros a dirigir insultos á victima.

Perez pensou no primeiro momento, em reagir ; mas comprehendeu sem demora que isso seria a maior das loucuras.

Reagir contra mais de dez homens, todos armados e revelando nas physionomias uma fereza que se lia no scintillar malvado dos olhos vibrantes de perversidade ?

E, no pensamento da victima, formaram-se rapidamente innumeradas

soluções para essa situação—qual mais impraticavel, mais duvidosa.

Perez não era, porém, um covarde : tentou, em todo caso, reagir; collocando-se em posição de resistencia, com que desafiou os seus algozes.

Estes, n'um momento que foi rapido de mais, comprehenderam o horror de sua selvageria e, estacando, petrificados, quedaram-se alguns segundos.

Manoel Teixeira, porém, deu um passo á frente e avançou para sobre Perez.

Travou-se uma ligeira lucta : o hespanhol defendeu-se a principio, mas os outros assaltantes, vendo que estava dado começo á obra, investiram covardemente...

E começou o saque : de todos os recantos da casa foram tiradas as quantias existentes que vieram cahir nas mãos dos bandidos.

Passando á dispensa, os sicarios tomaram bebidas, sempre acompanhados pela victima que lhes mostrava todos os pontos de casa.

— Tomem tudo, levem o que encontrarem, mas não me matem.

— Ai ! não matem meu filho, exclamava supplice d. Dolores.

E os bandidos continuaram o saque, roubando tudo.

Vencido, sabendo-se victima, em poucos instantes, da furia dos mal-

feitores, Perez procurou fugir, depois de se ter atracado com o sertanejo em cujo rosto, como se verá mais tarde, deixou impressos os signaes do esforço que fizera para se libertar da ferocidade do algoz.

A mãe de Perez fôra obrigada, como vimos, a se manter silenciosa e quieta, enquanto os bandidos executavam o tenebroso plano do selvagem Salgado.

Este penetrara na casa e era o seu braço forte e brutal que segurava os pulsos de d. Dolores, a desolada mãe do infortunado moço.

Perez, dissemos acima, procurou fugir e, tendo recebido já alguns ferimentos, deitou a correr, sahindo precipitadamente pela porta que havia sido arrombada.

Por entre as repetidas cutiladas e os mãos tratos dos assaltantes, a victima conseguiu chegar fóra de casa e foi então que, podendo ainda raciocinar, dirigiu-se em procura da povoação.

A sahida precipitada de Perez despertou em Salgado uma suspeita terrivel : elle correria até a povoação, onde seria conhecido o facto e de onde provavelmente viria a policia.

A distancia era pequena e os miseraveis não teriam o tempo necessario para conduzir o que haviam roubado.

— Corram atraz delle, corram atraz delle !—gritou Salgado á comitiva.

E os bandidos cumpriram, sollicitos, a ordem do bandido-chefe.

E' ahi o momento angustioso do martyrio de Perez.

Para quem conhece o local, é facil de ver que a victima, correndo pela margem da lagõa existente ao pé da casa, evitaria a curva que faz a estrada e chegaria mais depressa a algum pouso onde se refugiasse e onde, talvez, encontrasse auxilio.

A lua clareava, serena e placida, e os malfeitoses puderam bem distinguir o vulto de Perez que, ferido, conseguira entretanto correr.

E foram-lhe no encalço os perversos, os assassinos covardes do pobre moço !

Bem ao meio da margem da lagõa o alcançaram os facinoras : um tiro soou e a victima cahio para sempre.

Fôra a garrucha de Monoel Teixeira—a arma assassina.

Quando Perez cahio, todos os bandidos se reuniram em torno do cadaver : cada um cravou o seu punhal, ou deu o seu tiro.

Era o requinte da ferocidade.

Tendo ouvido os tiros, Salgado deixou atada d. Dolores, com dois dos bandidos como sentinellas, e veio tambem contemplar o corpo

sem vida do homem que lhe servia de embaraço aos planos gananciosos do negocio que ambos exploravam.

Vendo que estava effectivamente morto o pobre Perez. Salgado ordenou que fosse deitado o cadaver na lagôa.

Obedecida a recommendação de Salgado, os malfeteiros entreolharam-se e, só então pensando no crime consumado, como que emmudeceram, aguardando a palavra do chefe.

Este, por sua vez, cerrou os labios n'um deliquio de remorso... mas era tarde já.

Ninguem falava.

O silencio foi quebrado pelo companheiro de casa do Sertanejo, que exclamou em tom resolutivo:

— Voltemos á casa !

— Voltemos, repetiram todos.

E seguiram.

Voltando á casa de onde Perez sahira para morrer, os assassinos revistaram ainda o que lhes parecia não ter sido esmerilhado e resolveram desembaraçar d. Dolores, a quem, por despedida perversa e deshumana, atiraram ainda obscenidades sujas como a alma dos que as proferiam

Depois reuniram-se todos em frente á casa, enquanto a velha mãe da victima, n'uma anciedade mortifi-

cante e angustiosa, exclamava em prantos :

— Meu filho ! meu filho ! onde está meu filho ! ?

Estes gritos do coração materno tiveram a força de apressar a retirada dos bandidos que se dirigiram, correndo, para os lados da casa de Salgado.

Este havia mettido nos bolsos a quantia arrecadada nos moveis da casa de Perez : cerca de 8:000\$000, quo mais não havia na residencia do infeliz hespanhol.

Salgado não quiz que aquelles homens lhe penetrassem mais em casa, àquella hora.

Ao chegar pouco distante de sua residencia, parou silencioso e silenciosos pararam os seus cúmplices.

— Manoel Teixeira—disse Salgado em voz baixa—Vocè foi o executante da acção ; tome, por conseguinte, este dinheiro que dividirá como entender por seus companheiros.

E passou ás mãos do assassino de Perez a quantia acima referida.

— Agora, continuou Salgado, resta-me agradecer a promptidão e a perfeição com que se fez a cousa... Bôa noite. Vão em paz.

— Bôa noite, responderam os facinoras que deram logo ao andar, enquanto Salgado vencia a pequena distancia e entrava em casa

O que se passou, então, dentro daquella alma de bronze, é difficil de perscrutar.

Imagina-se, porém, que o monstro, mesmo na posse de uma serenidade que só a inconsciencia pode dar, mesmo atufado no lodo immundo da fereza que o caracteriza, não pode dormir naquelle resto de noite.

Revolvia-se constantemente na cama e, a cada instante, ouvia as supplicas de d. Dolores e os rogos de Perez.

Escutou, uma a uma, as horas todas que decorreram até o amanhecer, quando se ergueu do leito, como um inconsciente—um bruto de humanas formas—e chamou uma pessoa « para mandar alli. »

« Alli » era na casa de Perez !

Salgado queria enganar-se a si mesmo, pretendendo fazer acreditar sua innocencia e, assim, resolveu mandar um portador á casa de Perez com o seguinte recado : « Pergunte a d. Dolores si é exacto que mataram Perez esta noite.

« Disseram-me isso agora, aqui na porta. Si for exacto, pergunte a que horas se faz o enterro que eu desejo acompanhar. »

E seguiu o emissario que, logo á entrada da casa, viu o triste quadro de dôr : Perez jazia ao meio da sala, cercado de curiosos que exa-

minavam o horror dos ferimentos.

Dado o recado á pobre mãe afflicta, esta, em soluços doloridos, respondeu como respondia a outras perguntas iguaes:

— Alli está elle... Miseraveis ! assassinos de meu filho ! ladrões !

Voltando o emissario á presença de Salgado, narrou a scena que vira e o velho hespanhol feroz, sem um pestanejar, sem uma contracção na face, disse calmo :

— Está bom, irei ao enterro...

E foi !

Teve o sangue frio bastante para penetrar desassombrado na casa em que, ainda não havia 24 horas, entrara disfarçado para levar a effeito o barbaro crime.

* * *

Com ou sem razão, diz a sabedoria popular que, nos casos de assassinato, as feridas do cadaver deitam sangue quando se acha presente o assassino.

E' uma superstição.

Ma s as pessoas que viram entrar Salgado em casa de Perez dizem que os ferimentos deste começaram a deitar sangue, muito sangue, quando se apresentou na sala o vulto monstruosamente cynico do hediondo hespanhol.

...Dadas as ultimas ordens para o enterro e chegado o trem expresso

que deveria conduzir o cadaver para a cidade, Salgado encorporou-se ao prestito... e veio também.

Saltando na estação das Oficinas, onde o carro funebre e os de acompanhamento aguardavam o trem. Salgado entrou para um vehiculo e—nos olhos a piedade hypocrita de Judas, na alma a fereza indomita do tigre—lá se foi, a caminho do Campo Santo, para ver baixar á terra a victima de seu odio incontido.

Mas o monstro não conseguiu de todo ficar indifferente e frio: aos seus ouvidos parecia chegar, de momento a momento, o grito lancinante de d. Dolores sahindo de casa á luz do luar, percorrendo os arredores e exclamando:

— Meu filho! meu filho! onde está meu filho?!

Sahindo do cemiterio de Santo Amaro, Salgado não se recolheu immediatamente á sua residencia: andou pela cidade, em diversos pontos do costume, onde até narrou, por entre as mais fingidas lamentações, o infortanio de Perez.

Era o cumulo do cynismo, somente compativel com um monstro de catadura excepcional.

...Deixemos agora Salgado por alguns momentos e, enquanto elle se esforça por descobrir os meios de occultar seu hediondo crime, vamos ver o que, logo após o assassi-

tato, fizeram os mandatarios do velho e malvado hespanhol.

Quando Salgado entregou o dinheiro a Manoel Teixeira, este metten a quantia recebida no bolso, tendo dado alguns passos juntamente com os seus negros companheiros, parou e, grave, resolutamente, firme, altivo, superior, disse em voz de commando :

— Podem ir, cada um para sua casa : amanhã nos entenderemos !

— Isso mesmo não ! exclamou indignado Joca da Calú.

— Isso mesmo não ! repetiram os outros.

— Que querem então agora ? perguntou o sertanejo puxando a garfucha da cinta.

— Queremos o nosso quinhão, responderam os bandidos, em gestos de ameaça.

Manoel Teixeira comprehendeu a gravidade da situação e, levando a mão ao bolso, começou a tirar parcellas do *bolo*.

Os outros ignoravam quanto se havia arrecadado e, por isso, conformaram-se com o que o sertanejo lhes passava : cem mil réis a um, cincoenta a outro... e assim por diante.

— Estão todos satisfeitos ? perguntou, no fim, o generoso distribuidor do cobre alheio.

— Perfeitamente ! gritaram os

bandidos deslumbrados com o desenho das cédulas destacando-se ao clarão da lua.

— Então, boa noite!...

— Boa noite! responderam os scelerados.

E cada um se foi para sua casa, guardando no bolso a somma por quanto haviam vendido a sua consciencia.

Manoel Teixeira e seu companheiro recolheram-se á casa: era uma hora da manhã.

A luz safada e mortíça de um ordinario candieiro a kerosene, contavam o que restara da distribuição: pouco mais de seis contos de réis, dous dos quaes o sertanejo passou ao seu companheiro de casa, dizendo-lhe:

— Você sabe que eu estou para casar e preciso fazer certas despesas...

— Não ha duvida—respondeu o companheiro de Teixeira.

E deitaram-se...

Diz o companheiro de casa de Manoel Teixeira que este falou, toda noite, durante o sonho, pronunciando palavras entrecortadas, todas referentes ao crime que havia commettido.

Ao amanhecer, Teixeira sahio para fazer uns pagamentos, entre outros um á taverneira Pastora—uma hes-

panhola a quem o sertanejo comprava mensalmente a credito.

Tanto á Pastora como a outras pessôas a que devia, o sertanejo dava dinheiro de mais, não accetando o troco a que, aliás, tinha direito.

Passou-se o dia todo : Teixeira e os seus companheiros de assassinato ouviam, em toda parte, os commentarios que se faziam em torno do facto horrendo que a população toda conhecia pasmada.

No outro dia, 24 de Agosto, Teixeira mandou fazer a barba por um conhecido que, não sendo embora profissional, entendia do officio.

Esse *barbeiro* notou que o sertanejo tinha o rosto ferido, embora levemente, e perguntou-lhe si havia entrado em alguma lucta.

Teixeira, disfarçado e cauteloso, disse que havia montado, na vesperre, um cavallo muito ardego do qual cahira ferindo-se nas pedras do calcamento.

O sertanejo mentia : essas arranhaduras foram produzidos por Peres, quando este, como acima dissemos, procurava defender-se contra os primeiros ataques de Teixeira.

Salindo da casa do *barbeiro*, Teixeira conversou com alguns vizinhos e soube que o crime havia impressionado profundamente o pe-

blico e que a policia empregava os mais solícitos esforços em descobrir os culpados.

Teixeira voltou immediatamente á casa e narrou essas cousas ao seu companheiro.

— Estamos perdidos, concluiu o sertanejo : ou sahimos já e já ou, do contrario, seremos presos.

— Então embarquemos o mais breve possivel, observou o companheiro de Teixeira.

E resolveram seguir na o primeiro trem que subisse, da linha de Limoeiro.

A locomotiva silvou o signal de partida e os dois scelerados, formulando no pensamento os planos de uma viagem para muito longe, seguiram até Pau d'Alho, onde morava a noiva de Manoel Teixeira...

O futuro sogro do sertanejo com este se entendeu a respeito do casamento, chegando mesmo a dar a Teixeira, que disto não precisava, um cavallo para vender e auxiliar, assim, as necessarias despezas.

Mas Teixeira tinha pressa—não de effectuar o casamento e sim de fugir para mais longe.

E foi assim que, ao amanhecer do dia seguinte, haviam desaparecido Teixeira e a noiva.

Os paes desta, no desespero su-

premo da desdita, julgaram perdida sua filha a quem, pensavam, nunca mais teriam de ver.

Entretanto o amor materno, que pode muito, conseguiu descobrir o paradeiro de Teixeira e, até bem poucos dias, a mãe da noiva deste conversava com sua filha em lugar ignorado para o publico e talvez para a policia:—eis ahí uma das diligencias a fazer, diligencia da qual bem poderá resultar que a policia se approxime um pouco mais daquelle que, por ordem de Salgado, assassinará Perez.

Fala-se em Páo d'Alho e nas adjacencias que Teixeira já agora está incluído no grupo negro de Antonio Silvino.

E esse boato está de accordo com o que dizia o sertanejo: «Quando eu fizer aqui um *sarceiro*, vou pra junto de Antonio Silvino».

A fuga de Manoel Teixeira e de Brasiliano—que tal é o nome do companheiro de casa do sertanejo—difficultou em extremo as averiguações da policia e a esta cumpre effectuar a prisão dos dous foragidos que virão trazer muita luz ao processo.



Terminando hoje a exposição das notas de reportagem que nos foram communicadas debaixo de certas reservas mas que, em sua quasi tota-

lidade, a policia conhecia perfeitamente, resta-nos fazer algumas considerações sobre a impressão causada em nossa sociedade pelo hediondo assassinato do inditoso Perez.

Para honra dos habitantes desta cidade—diga-se bem alto e bem solemnemente que essa impressão foi, em absoluto, de revolta e de indignação contra os autores do crime horrendo: de todos os labios partiam imprecções explodindo em acres censuras, em maldições geraes sahidas mesmo de quem sómente conhecia a victima atravez a narrativa tragica do crime.

E, si a imprensa é de alguma forma o reflexo do sentir e do pensar de um povo—pode-se dizer que o povo do Recife bradou convulsamente e sinceramente contra os autores do assassinato fero em que se teve conhecimento da existencia, entre nós, de bandidos celebres e excepcionalmente selvagens.

Nos primeiros dias que se seguiram á perpetração do assassinato era até opinião geral que nenhum dos advogados de nosso fòro tomara a defesa dos criminosos—tal fôra o assombro causado na população pelo conhecimento da innominavel tragedia.

Quando o primeiro dos illustres advogados de Salgado veio á imprensa em defesa de seu constituin-

to, escrevendo alias com um talento admiravel e com uma dedicacão em que prozava os recursos de seu espirito, a imprensa toda sabio ao encontro do joven e ardoroso advogado que—diga-se em seu favor e a bem da verdade—soube desviar, no artigo seguinte, a corrente de odios que o seu primeiro artigo despertara contra a sua propria pessoa e não já contra Salgado só.

Esté, desde o dia em que foi recolhido á Detencão, está condemnado pela opinião publica e, si não nos enganamos, o tribunal terá de sagrar esta condemnacão espontanea que da alma popular nascera sem as insinuações da sordidez, irrompendo limpida e diaphana atravez a narraçào horrivel de um crime que se revestira de todas as circumstancias de uma barbaridade sem par.

O segundo advogado de Salgado não tem sido mais feliz do que o seu antecessor: crivado de contestações, mettido n'um mar de duvidas e de apalpadelas, vai levando a causa mais nos esteios de seu reconhecido renome do que no apoio juridico dos factos, estes condemnatorios todos para o scelerado frio e máu que uma noite, á luz calma e suave de um luar sereno e placido, levava a effeito o tenebroso plano de sua tenebrosa malvadez.

Não ha memoria de que a nossa policia tenha agido mais promptamente, mais acertadamente do que no crime de Caxangá.

Embora faltem ainda varias diligencias que venham completar a acção policial, esta proseguirá, estamos nós certos, no intuito de conhecer a mais occulta das circumstancias todas que cercaram o monstruoso crime.

Esse objectivo será auxiliado por todos quantos, tendo tido noticia do infortunio de Perez, se revelam compadecidos diante das angustias que envolvem a alma dos velhos pais, da desolada viuva e das infelizes creanças filhas da victima da perversidade de Salgado—a figura negra e satanica pairando no meio de todo esse drama como uma sombra horrivel e sinistra.

A parte sadia de nossa sociedade, a que se não corrompe ao oxydo infame das moedas do assassino ; o elemento que se conserva impoluto atravez das tentações todas do suborno e da mentira—ha de saber, na occasião de ser julgado o MONSTRO, applicar-lhe, parallelamente com o veredictum do tribunal do jury, um outro veredictum mais amplo e mais eloquente ainda — a reprovação de um povo culto aos instinctos brutaes de uma fêra sanhuda e bestial.





5/90

NÃO PODE SAIR
DA BIBLIOTECA

F340.92
C824 e

Correio do Brasil

Inv. jan/1965₄₀

Inv. jan. 81

Inv. 88



